

Uma “paleolexicografia” de fraseologismos espanhóis

Resumo: É de nosso conhecimento a existência de algumas importantes obras lexicográficas espanholas que, apesar de poucas, têm contribuído para o ensino-aprendizagem de unidades fraseológicas em espanhol como língua estrangeira. Algumas delas trazem listagens por ordem alfabética, como é o caso de Penadés Martínez (2002), outras, por palavras-chave, ordenadas alfabeticamente, a exemplo de Kubarth e Varela (1994). Entretanto, existem mais formas de se dispor macroestruturalmente essas expressões, como por exemplo, o arranjo baseado em temas metafóricos, sugerido por Kövecses e Szabó (1996). Neste artigo, descrevemos essas tipologias lexicográficas, além de fornecermos: uma exposição cronológica da abordagem de fraseologismos por dicionários gerais e especiais monolíngues de espanhol. Nosso procedimento metodológico consistiu, portanto, na observação de nosso objeto de estudo, unidades fraseológicas do espanhol, num contexto específico, em dicionários monolíngues espanhóis, a partir de uma pesquisa bibliográfica. Os resultados de nosso estudo revelaram que houve progresso no que se refere à inclusão dos fraseologismos nos dicionários, mas que há alguns aspectos a serem contemplados ainda.

Palavras-chave: unidades fraseológicas, lexicografia, espanhol.

Abstract: It is known that, although there are a few important lexicographic Spanish works, they have contributed to the teaching and learning of phraseologic units in Spanish as a foreign language. Some of them bring lists in alphabetical order, as in Penadés Martínez (2002); others arrange them in key-words, also in alphabetical order, as in Kubarth and Varela (1994). However, there are other ways of disposing these expressions macrostructurally, for instance, the organization based on metaphoric themes, suggested by Kövecses and Szabó (1996). In the present article, we describe these lexicographic typologies, and we provide a chronological exposition of the approach of phraseologies through monolingual Spanish general and special dictionaries. The methodology consisted in the observation of the object, Spanish phraseologic

units, in a specific context, in monolingual Spanish dictionaries, through a bibliographic research. The results of our study reveal that there was progress in relation to the inclusion of phraseologies in dictionaries, but that there are still some aspects to be contemplated.

Keywords: Phraseological units, lexicography, Spanish.

1. Introdução

O termo paleolexicografia, que integra o título deste artigo foi tomado emprestado de Welker (2004, p. 56), pois sintetiza em uma única palavra o que queremos transmitir: uma visão cronológica da abordagem de fraseologismos por dicionários gerais e especiais monolíngues de espanhol.

As unidades fraseológicas são constitutivas do léxico de toda língua. Uma definição que nos parece bastante esclarecedora é a que nos fornece Corpas Pastor (1996, p. 20):

[...] as unidades fraseológicas – objeto de estudo da fraseologia – são unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Tais unidades se caracterizam por sua alta frequência de uso, e pela co-ocorrência de seus elementos integrantes; por sua convencionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; por sua idiomaticidade e variação potenciais; assim como pelo grau em que se dão todos esses aspectos nos distintos tipos

Essa autora divide as unidades fraseológicas em três esferas: a primeira inclui as colocações (e.x. *poner la mesa* ‘pôr a mesa’), a segunda, as locuções (e.x. *calentar la cabeza* ‘esquentar a cabeça’) e a terceira, o que chama de enunciados fraseológicos, nos quais inclui os provérbios (e.x. *La ocasión hace al ladrón* ‘A ocasião faz o ladrão’) e as fórmulas situacionais (e.x. *¿Qué tal?* ‘Que tal?’).

No que se refere ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, não é segredo a dificuldade que os alunos sentem para compreender e produzir tais estruturas. Entendendo que os dicionários são recursos didáticos para a recepção e para a produção dessa parcela do léxico por alunos estrangeiros, apresentamos, neste trabalho, informações sobre a relação lexicografia e fraseologia.

Para tanto, discutimos o tratamento lexicográfico de fraseologismos em dicionários de espanhol e expomos as principais tipologias lexicográficas com base no tipo de ordenação dos verbetes fraseológicos.

2. Lexicografia e fraseologia: uma abordagem cronológica

No caso específico dos dicionários monolíngues gerais de espanhol, o tratamento fraseológico não é animador, no entanto, esta não é uma realidade isolada. Pesquisadores como Burger, Ettinger e Zöfgen (*apud* Welker, 2004, p. 166) constataram que o tratamento lexicográfico dessas estruturas deixa muito a desejar também em outras línguas. Falando-se especificamente no caso do espanhol, merece destaque os dicionários produzidos pela Real Academia Española, pois servem de paradigma para todas as demais obras lexicográficas espanholas. Após o primeiro dicionário da Real Academia Española, o DRAE, que data do século XVIII, foram reeditados exemplares do original até a 10ª. edição. Entretanto, esse dicionário não apresentava preocupação com a inclusão dos fraseologismos.

Ainda assim, Haensch e Omeñaca (2004, p. 217) comentam que o prestígio do DRAE é tão grande que praticamente não são publicados outros dicionários gerais monolíngues no século XVIII. Entretanto, no século seguinte, editores particulares passaram a editar outros dicionários, alegando que o dicionário acadêmico apresentava uma seleção lexical restrita, conservadora e purista. Um dos pontos fracos apontados é, justamente, a pouca importância dada às unidades fraseológicas.

São duas as grandes questões a serem resolvidas em qualquer dicionário monolíngue geral: a escolha do verbete no qual o fraseologismo será registrado e o lugar do verbete em que deve aparecer. Por exemplo, no caso de um consultante procurar a locução *calentar la cabeza* 'esquentar a cabeça' deverá buscá-la em qual dos verbetes: *calentar* ou *cabeza*? Welker (2004, p. 173) informa que, na maioria das vezes, prefere-se o substantivo, portanto, nesse caso, a escolha seria o verbete *cabeza*. O autor sugere que uma solução mais didática seria que fossem arrolados nos verbetes de todos os componentes.

Solucionando-se o problema da escolha do verbete, faz-se necessário decidir: onde a unidade fraseológica deve aparecer? Algumas opções encontradas, ainda em Welker (*ibidem*), são ou colocá-la ao fim do verbete ou na acepção que mantém alguma relação semântica com um de seus componentes. Outra opção é que o lexicógrafo adote uma forma particular e criativa, neste caso, obrigatoriamente, deverá dar os devidos esclarecimentos na introdução do dicionário. Por exemplo, Señas (2001), que inclui as unidades fraseológicas como subentradas, explica na sua introdução à edição brasileira os procedimentos adotados para a inclusão dos fraseologismos nos verbetes:

A inclusão da fraseologia (locuções) em uma ou em outra entrada dependerá das formas que a compõem, já que uma locução é formada por uma série de palavras. Se uma locução for constituída por elementos da mesma classe de palavras, ela estará incluída na entrada correspondente ao primeiro elemento. Se os elementos que a formarem pertencerem a classes diferentes, ela estará incluída na entrada do elemento que pertencer à classe de palavras mais relevante [*sic*], de acordo com a seguinte hierarquia: substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, preposição. As locuções que incluem um sintagma preposicional aparecem na entrada correspondente ao elemento que rege a preposição. Esta hierarquia, no entanto, poderá ser quebrada quando um dos elementos de classe inferior for mais produtivo que os demais, isto é, quando oferecer mais possibilidades de construção (Señas, 2000, p. XI).

Além de todas essas informações detalhadas, explica também que, a fim de facilitar ainda mais a busca do consulente, algumas unidades fraseológicas podem ser encontradas em mais de uma entrada. Por exemplo, a locução *calentar la cabeza*, ‘esquentar a cabeça’, aparece nas duas entradas *calentar* e *cabeza*.

Com relação aos dicionários monolíngues especiais de fraseologismos, deve-se levantar outra questão problemática ainda mais complexa. Referimo-nos à falta de critérios claros para a definição do que esses materiais lexicográficos incluem como unidades fraseológicas e o tipo de taxonomia que adotam. Seria bastante útil uma caracterização mais adequada dos limites de definição dessas estruturas sintagmáticas por parte dos lexicógrafos na seção destinada à introdução dos dicionários.

Entretanto, essa delimitação é complexa e apresenta grande discordância entre os autores. Além disso, há casos de dicionários que trazem em sua introdução a especificação dos tipos de fraseologismos nos quais se detêm, mas que, no entanto, apresentam incoerências e acabam sendo questionados por outros autores. Por exemplo, Penadés Martínez (2001), em um artigo no qual estabelece uma crítica ao *Diccionario fraseológico del español moderno* (Varela e Kubarth, 1994), sugere uma reavaliação de 104 unidades fraseológicas retiradas desse dicionário. Segundo Penadés Martínez (2001), há pelo menos 104 unidades fraseológicas consideradas por Varela e Kubart (1994) como locuções, as quais deveriam ser categorizadas como colocações.

Além do mais, os títulos dos dicionários especiais que tratam dos tipos distintos de combinações de palavras do espanhol são muito variados e, muitas vezes, pouco esclarecedores. Alguns trazem o termo “modismos”, outros, “frases feitas”, “expressões coloquiais”, “expressões idiomáticas” ou “fraseologismos”. Toda essa variada terminolo-

gia chega a ser confusa ou mesmo contraditória. Realmente, essa é uma questão pouco consensual e que rende larga discussão. Autores como Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997), Ruiz Gurillo (2001, 2002), e Tagnin (2005) contribuem para maiores esclarecimentos sobre essas terminologias.

3. Sobre a distribuição dos verbetes fraseológicos em dicionários especiais

Outro aspecto digno de ser mencionado com respeito aos dicionários especiais é a metodologia adotada para a sua ordenação macroestrutural. Sobre isso, Welker (2004, p. 167) observa que “cada autor pode ter um motivo para estabelecer uma determinada ordem; o essencial é que haja uma ordem e que ela seja seguida em todo dicionário”. Para maiores detalhes sobre as formas de se expor o léxico, não apenas nos dicionários especiais de unidades fraseológicas como também nos dicionários gerais, fornecemos alguns esclarecimentos retirados de Kövecses (2001).

Esse autor explica como alguns dicionários organizam macroestruturalmente as unidades fraseológicas. Ele cita pelo menos quatro formas metodológicas de agrupá-las: listagem em ordem alfabética, arranjo baseado em palavras-chave, arranjo tipo tesouro e, finalmente, arranjo baseado em metáforas.

Como exemplo dessa primeira metodologia de ordenação, o agrupamento alfabético, Kövecses (2001, p. 90) cita o *The Oxford Dictionary of Current Idiomatic English* e estabelece uma crítica a esse tipo de organização baseada na mera distribuição alfabética, alegando que não reflete nenhuma estrutura conceitual. Não é propósito dos dicionários que adotam esse tipo de arranjo lexical indicar a base conceitual metafórica ou metonímica das palavras e expressões que constituem suas entradas.

Como já mencionamos, os dicionários que seguem essa macroestrutura são chamados de semasiológicos. Uma de suas características é que costumam ser preferidos pelos consulentes, dada a sua praticidade na hora de consultar; entretanto, pecam na aleatoriedade com que expõem os verbetes. Parece válido considerar que são bons recursos de consulta, mas não favorecem o quesito produção.

Penadés Martínez (2002), em seu *Diccionario de Locuciones Verbales para la Enseñanza del Español*, opta pela macroestrutura baseada na ordenação alfabética de seus verbetes. Esse dicionário inclui 1.942 locuções verbais, listadas alfabeticamente pela primeira palavra que constitui cada fraseologismo.

O agrupamento por palavras-chave, por sua vez, possui uma macroestrutura que organiza as unidades fraseológicas de acordo com certas palavras-chave, ou seja, palavras importantes. Kövecses (2001, p. 91) cita alguns exemplos de verbetes do *Longman Dictionary of English Idioms*, relacionados ao FOGO, os quais transcrevemos para efeito de exemplificação. Ao lado fornecemos o equivalente em português. Nesses verbetes, aparecem como entradas palavras como *candle* ‘vela’, *fire* ‘fogo’ e *flame* ‘chama’ e em seguida um fraseologismo relacionado a elas:

CANDLE	‘VELA’
<i>Burn the candle at both ends</i>	‘trabalhar muito’
FIRE	‘FOGO’
<i>Play with fire</i>	‘brincar com fogo’
FLAME	‘CHAMA’
<i>An old flame</i>	‘uma velha paixão’

Consideramos, com base em Kövecses (2001), que expressões como as mencionadas podem ser melhor compreendidas se listadas de forma a evidenciar a presença de suas metáforas conceituais subjacentes. Percebe-se que através desses fraseologismos fala-se de temas cotidianos, tais como PAIXÃO, através do conceito de FOGO, entretanto, o agrupamento por palavras-chave não chama a atenção do consulente para as metáforas.

Além do citado exemplo, que representa obras do gênero em língua inglesa, pode-se mencionar como representante dos dicionários espanhóis especiais fraseológicos que utilizam essa macroestrutura o *Diccionario Fraseológico del Español Moderno*, de Kubarth e Varela (1994). Nele, o registro das unidades fraseológicas está catalogado por palavras-chave ordenadas alfabeticamente e, cada registro encontra-se encabeçado pela palavra que ocupa o nível mais alto segundo a seguinte hierarquia adotada: nomes próprios, substantivos, adjetivos, participios, advérbios, pronomes (não-interrogativos), numerais e o verbo *ser*. Por exemplo, a unidade fraseológica *bullir la sangre* (borbulhar o sangue) aparece encabeçada pela palavra-chave *sangre* (sangue), pois na hierarquia mencionada é preferível o substantivo (*sangre*) ao verbo (*bullir*).

Kövecses (*ibidem*) chama a atenção para o fato de que também esse tipo de organização não parece contribuir mais que o anterior para a compreensão e a aprendizagem de fraseologismos em línguas estrangeiras. Percebe-se que essa forma é só uma variação da primeira, pois

as palavras-chave continuam sendo organizadas baseadas na ordem alfabética.

Por sua vez, o agrupamento tipo tesouro, segundo Welker (2004, p. 48), passou a ser usada a partir de 1852, com a publicação do dicionário onomasiológico do americano Peter Mark Roget, cujo título é *Thesaurus of English Words and Phrases*. Segundo Welker (*ibidem*), tesouro passou a ser usado como sinônimo de dicionário onomasiológico. Em espanhol, prefere-se o termo onomasiológico ou ideológico a tesouro, e se costuma usar indistintamente uma ou outra terminologia.

Esse terceiro tipo foi considerado por Kövecses (*ibidem*) uma forma mais avançada que as anteriores, já que as listas de verbetes costumam ser fornecidas de acordo com o domínio-alvo. No entanto, ainda há um problema: não é especificado de nenhum modo o domínio-fonte, por outro lado, o domínio-alvo de vários verbetes é claramente indicado.

Esses tipos de dicionários partem da perspectiva do significado para o significante. Segundo Haensch e Omeña (2004, p. 79), sua ordenação pode ser de duas formas. Uma delas, por temas, caso do *Thesaurus of English Words and Phrases*, no inglês. Outra, partindo de entradas ordenadas alfabeticamente que encabeçam um grupo de palavras correspondentes a um determinado campo léxico, como no *Diccionario ideológico*, de Casares (apud Haensch e Omeña, 2004, p. 80) que constitui o protótipo do gênero, em língua espanhola.

Outra opção de ordenação das unidades fraseológicas mencionada por Kövecses (2001, p. 93) é a baseada nas metáforas conceituais. Nesse caso, é estabelecida uma relação entre metáfora e fraseologismo. Para explicar esse tipo de estrutura, o autor lista fraseologismos de diferentes domínios-alvo (e.g. EMOÇÕES: RAIVA, AMOR), organizados segundo suas metáforas conforme expomos abaixo:

A RAIVA É FOGO

- (1) Depois da discussão ele estava cuspidando fogo.
- (2) Estava saindo fumaça dos seus ouvidos.

O AMOR É FOGO

- (1) O fogo entre eles finalmente apagou.
- (2) Estou queimando de amor.

Kövecses (2001) aponta que uma vantagem dessa forma de organização é que as unidades fraseológicas são apresentadas juntamente com os domínios-fonte e alvo, indicando os domínios específicos a que pertencem e esclarecendo que estão baseadas em uma dada metáfora

conceitual, como no caso das expressões acima que se baseiam nas metáforas A RAIVA É FOGO e O AMOR É FOGO.

Considerações finais

Até aqui mostramos como tem sido a prática lexicográfica em língua espanhola no que se refere ao tratamento de fraseologismos. Além disso, com destaque para alguns dicionários especiais de fraseologismos, mostramos os tipos de agrupamentos usados para a ordenação das unidades fraseológicas nesses dicionários. Esse momento constitui uma parte importante de nossa pesquisa, posto que, concluímos nos posicionando a favor da ordenação por temas metafóricos.

Concluímos explicando que consideramos essa estrutura melhor orientada para o caráter didático de fraseologismos. Baseado em alguns estudos sobre o ensino-aprendizagem do léxico, acreditamos que esse tipo de organização lexical proporciona a consciência metafórica das expressões linguísticas que expõe, podendo funcionar como um poderoso recurso didático para o seu ensino fraseológico.

Referências

- CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.
- HAENSCH, G. e OMEÑACA, C. *Los diccionarios del español en el siglo XXI: problemas actuales de lexicografía, los distintos tipos de diccionarios: una guía para el usuario, bibliografía de publicaciones sobre lexicografía*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.
- KÖVECSÉS, Z. A cognitive linguistic view of learning idioms in an FLT context. In: PUTZ, M., NIEMEIER, S. e DIRVEN, R. (Orgs). *Applied Cognitive Linguistics: Theory, Acquisition and Language Pedagogy*. New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 87-116.
- PENADÉS MARTÍNEZ, I. ¿Colocaciones o locuciones verbales? *Separata de Lingüística Española Actual*, Madrid: Arco Libros, v.23, v.1, 2001. p. 57-88.
- RUIZ GURILLO, L. *Aspectos de fraseología teórica española*. Valencia: Universitat de València, 1997.
- _____. *Las locuciones en español actual*, Madrid: Arco Libros, 2001.
- _____. *Ejercicios de fraseología*. Madrid: Arco Libros, 2002.
- TAGNIN, S. E.O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.
- UNIVERSIDAD DE ALCALÁ DE HENARES. *Señas: diccionario para la enseñanza de lengua española para brasileños*. Traducido por: Eduardo Brandão e Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VARELA, F. & KUBARTH, H. *Diccionario fraseológico del español moderno*. Madrid: Gredos, 1994.
- WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.